

Tipografia no Paraná: a fabricação de máquinas tipográficas nos anos 1940 em Curitiba

Tipografía en Paraná: la fabricación de máquinas de imprimir en Curitiba en 1940

Typography in Paraná: The Manufacture of Printing Presses in Curitiba in early 1940

Raquel Gapski, Rafael C. Andrade, Lindsay J. Cresto

Tipografia no Paraná, prelo tipográfico, memória gráfica, Gapski

A indústria gráfica brasileira teve início ainda na época da tipografia de chumbo. Apesar disso, pouco se sabe sobre esses artefatos e os modos de fabricação. O artigo conta a história de uma pequena fábrica de impressoras, fundada em 1940, na cidade de Curitiba/Paraná. A pesquisa se concentrou no artefato gráfico e em testemunhas oculares. Verificou-se a relação da atividade com os imigrantes europeus, o impacto da pequena atividade na indústria gráfica brasileira, além da expressividade da tipografia no Paraná. Conclui-se que a atividade tem em sua essência o gene das atividades projetuais e contribui para a história do Design no Brasil e com a memória gráfica do Paraná.

Tipografía en Paraná, prensa tipográfica, memoria gráfica, Gapski

La industria gráfica brasileña comenzó durante la era de la tipografía de plomo. A pesar de esto, se sabe poco sobre estos artefactos y las formas en que fueron fabricados. El artículo cuenta la historia de una pequeña imprenta, fundada en 1940, en la ciudad de Curitiba/Paraná. La investigación se centró en artefactos gráficos y testigos presenciales. Se verificó la relación entre la actividad y los inmigrantes europeos, así como el impacto de la pequeña actividad en la industria gráfica brasileña, además de la expresividad de la tipografía en Paraná. Se concluye que la actividad tiene en su esencia el gen de la actividad de diseño y contribuye a la historia del Diseño en Brasil y a la memoria gráfica de Paraná.

Typography in Paraná, typographic press, graphic memory, Gapski

The Brazilian printing industry began in the era of lead typography. Despite this, little is known about these artifacts and the ways in which they were manufactured. The article tells the story of a small printing factory, founded in 1940, in the city of Curitiba/Paraná. The research focused on the printing artifact and on eyewitnesses. The relationship between the activity and European immigrants, the impact of the small activity on the Brazilian printing industry, and the expressiveness of typography in Paraná were examined. The conclusion is that the activity has in its essence the gene of design activities and contributes to the history of Design in Brazil and to the graphic memory of Paraná.

1 Introdução

Em 1808 a Corte Real portuguesa desembarcou no Brasil trazendo consigo os primeiros equipamentos tipográficos, semelhantes aos que o alemão Gutemberg havia criado no século XV na Europa. Foi na sede da então instalada Impressão Régia no Rio de Janeiro que funcionaram as máquinas tipográficas inglesas trazidas a bordo da esquadra de Dom João VI com o objetivo de dar publicidade aos atos oficiais (Melo, 2011).

Após um breve período de monopólio, a atividade foi liberada e se espalhou rapidamente no Brasil. Foi em 1811, na Bahia, que se deu a instalação da primeira tipografia particular no país. A ela seguiram-se os demais estados a seguir ordenados em ordem cronológica: Recife (1817); Maranhão e Pará (1821); Minas Gerais (1822); Ceará (1824); Paraíba (1826); São Paulo e Rio Grande do Sul (1827); outras cidades do Rio de Janeiro (1829); Goiás (1830); Santa Catarina e Alagoas (1831); Rio Grande do Norte, Piauí e Sergipe (1832); Espírito Santo e Mato Grosso (1840); Amazonas (1852) (Presas, 2007).

Foi somente em 1854 que a tecnologia chegou ao Paraná, trazida por Cândido Martins Lopes, proprietário de uma conceituada tipografia instalada no Largo Municipal de Niterói/RJ. O jovem profissional, acatando convite feito pelo Conselheiro Zacarias de Goés e Vasconcelos, vendeu suas instalações no Rio de Janeiro para os irmãos Quirino e se deslocou para a recém-criada província do Paraná levando consigo apenas seu equipamento de impressão tipográfica e um ajudante chamado João Luiz Pereira. Com esse acervo o jovem fluminense constituiu a Typographia Paranaense, embrião da Impressora Paranaense (Carneiro, 1976).

Se por um lado a tecnologia ingressou no país com considerável atraso em relação à antiga tradição de impressão manual que se estende desde Gutenberg, por outro lado esse ingresso se deu pouco antes do surgimento da nova indústria gráfica, pautada pela produção em ampla escala a preços módicos e distribuídos para um público em massa. Em todo o mundo ocidental a segunda metade do século XIX foi um período de crescimento cultural decisivo para a expansão do mercado de produtos gráficos, fortemente estimulado pelo barateamento do preço do papel, pelo aperfeiçoamento da fundição mecânica de tipos metálicos, bem como por importantes evoluções no campo da reprodução de imagens (ao uso da xilogravura vieram se juntar a litografia e a gravura em metal) (Cardoso, 2005).

Nesse cenário de expansão do setor logo surgiu a demanda por prensas, tintas, papéis e tipos móveis que, inicialmente, eram comprados diretamente no exterior. Entretanto, no fim da década de 1820 já começam a aparecer no Rio de Janeiro empresas de fabricação manufatureira de tipos e ornamentos tipográficos (Lima, 2009). Com efeito, o Brasil abrigou várias empresas especializadas em produzir tipos móveis de metal, entre elas a Fundidora de Tipos Francesa, que atuou no Rio de Janeiro à partir da década de 1830; a Fundição de Typos Henrique Rosa, que atuou entre o final do século 19 e início do 20 no Rio de Janeiro; e a Funtimod – Fundição de Tipos Modernos, que operou entre 1932 e 1997 em São Paulo (Lima, Cunha e Aragão, 2019).

Do mesmo modo, não tardou até que fossem fabricados prelos de impressão em solo brasileiro. Um ano depois da instalação da Impressão Régia foi construído um primeiro prelo de

madeira no Rio de Janeiro como relatado em Memórias e Histórias da Indústria Gráfica do Paraná, citando texto de Berger A Tipografia no Rio de Janeiro: Impressores Bibliográficos 1808/1900.

Apesar da curiosidade acima, a indústria de máquinas e equipamentos gráficos iniciou suas atividades no Brasil na década de 1930, mas foi após o término da Segunda Grande Guerra (1945) que o setor efetivamente cresceu com a abertura de novas empresas, experimentando significativo desenvolvimento depois de 1964 devido a incentivos promovidos pelo governo brasileiro no regime militar que se iniciava. (ABIME & SINDMAQ-SP, 1978).

Em 1978 havia aproximadamente 55 empresas fabricantes dos mais variados tipos de máquinas e equipamentos gráficos no país que, desde 1972, exportavam equipamentos de excelente qualidade e elevado nível tecnológico para toda a América Latina, Oriente Médio, Estados Unidos e Europa (ABIME & SINDMAQ-SP, 1978).

O catálogo de máquinas e equipamentos gráficos brasileiros editado em 1978 pela Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos em conjunto com o Sindicato da Indústria de Máquinas do Estado de São Paulo traz uma lista de dezoito fabricantes nacionais, a saber: Baumhak, Catu, Comagraf, Consani, Efi, Elenco, Feva, Funtimod, Guarani, Ibirama, Laurenti, Manig, Miruna, Profama, Ricall, Rossi, Solna E Stahl.

Apesar disso, diferentemente do que ocorre com a produção de tipos móveis no país, são incipientes as pesquisas sobre a fabricação de máquinas gráficas brasileiras. Nos parece, haver aí um campo fértil a ser explorado como contribuição aos estudos de Memória Gráfica Brasileira: seja pelo estudo do próprio artefato gráfico (cultura material); seja pelo estudo do tipo de material que era impresso pelas prensas locais (cultural da impressão); seja pela construção da memória como parte da cultura e identidade cultural (memória coletiva); seja, ainda, como contribuição à história do Design Gráfico por meio da identificação de artefatos e personagens que possam ser considerados parte da constituição e uma cultura projetiva local.

Nesse cenário, partindo do pressuposto de que *“a principal meta final dos estudos em memória gráfica parece ser a de inserir os artefatos gráficos na cultura, na memória e na identidade local de um povo”* (Farias, 2018), o presente artigo conta a história de uma pequena fábrica de máquinas tipográficas, fundada na década de 1940, na cidade de Curitiba/Paraná, objetivando identificar como a produção de máquinas brasileiras impactou o mercado gráfico nacional. Acredita-se que investigar a história dessa pequena fábrica em Curitiba será um importante registro histórico da cena gráfica curitibana além de honrosa contribuição paranaense para a história da tipografia brasileira.

2 Fábrica de máquinas tipográficas Gapski

Preliminarmente, julga-se honesto explicitar que a pesquisa, inevitavelmente, foi enviesada pelo vínculo sanguíneo de uma das pesquisadoras com a história. Esta, que é neta de um dos fabricantes da máquina tipográfica objeto do presente estudo e atualmente conduz a oficina

tipográfica familiar que mantém inalterado – e em funcionamento - o acervo de artefatos gráficos desde o ano de sua fundação, em 1957. De todo modo, se por um lado a pesquisadora procurou manter as lentes da maturidade e neutralidade para o necessário distanciamento do objeto e a respectiva análise dos dados coletados; por outro lado, por estar inserida no próprio objeto da pesquisa, além do contato direto com os artefatos, a pesquisadora teve facilidade de acesso a fontes primárias de pesquisa de maneira que grande parte da história aqui relatada foi contada por familiares, clientes, funcionários e gráficos antigos que, em sua absoluta maioria, conviveram com o artefato no momento em que ele foi fabricado.

Dito isso, passa-se a narrar a história da Fábrica de Máquinas Gapski, fundada pelos irmãos de origem Polonesa que, na década de 1940, começaram a fabricar um prelo tipográfico no fundo do terreno de seus pais, no coração do Bom Retiro em Curitiba, Capital do Paraná.

Filhos de marceneiro, os irmãos Paulo, João (Jango) e Sesisnando (Zico) Gapski (Foto 1) construíram uma pequena tornearia mecânica no fundo da casa dos pais. Paulo e João eram torneiros mecânicos por formação e detinham conhecimento para a fabricação de peças em ferro fundido além de demonstrarem habilidade na fabricação de peças que exigiam têmpera em aço. Zico havia servido o Exército Brasileiro e demonstrara habilidade comercial.

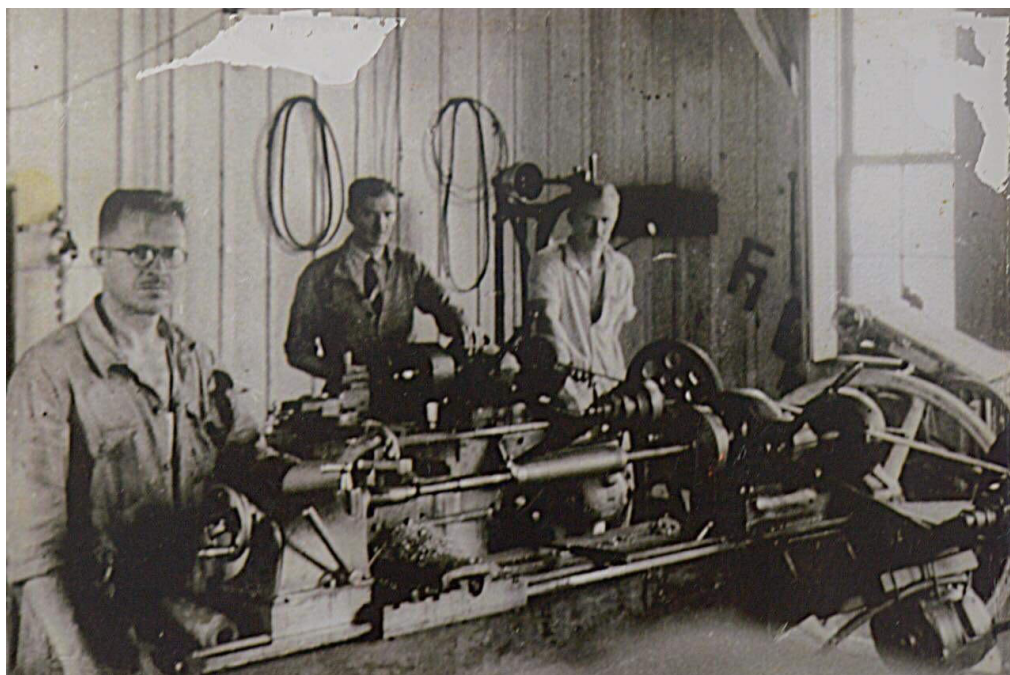


Figura 1 - Paulo, João (Jango) e Sesisnando (Zico) no interior da fábrica de máquinas tipográficas

Fonte: acervo pessoal

Paulo, infelizmente, deixou os irmãos muito precocemente cabendo a Jango toda a tarefa de tornearia e à Zico a parte administrativa e manuseio da plaina. Os irmãos fabricavam as próprias peças que compunham a máquina impressora a partir de moldes de madeira fabricados pelo pai que tinha grande habilidade manual com a madeira em razão do seu ofício de marceneiro.

Apesar disso, a tornearia não tinha estrutura para a fabricação de algumas peças. Por esse motivo, algumas peças que compunham o maquinário eram fabricadas na FUNDIÇÃO MÜELLER &

IRMÃOS LTDA., e nas fresas do SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL (SENAI/PR), local em que Jango lecionava o ofício para alunos da área de mecânica.

Foi assim que, na metade do século XX, os irmãos se especializaram na fabricação de um pequeno prelo de impressão tipográfica. Era uma máquina elétrica tipo minerva, de alimentação manual e formato 8 (24x33cm), conforme ilustração na figura 2:

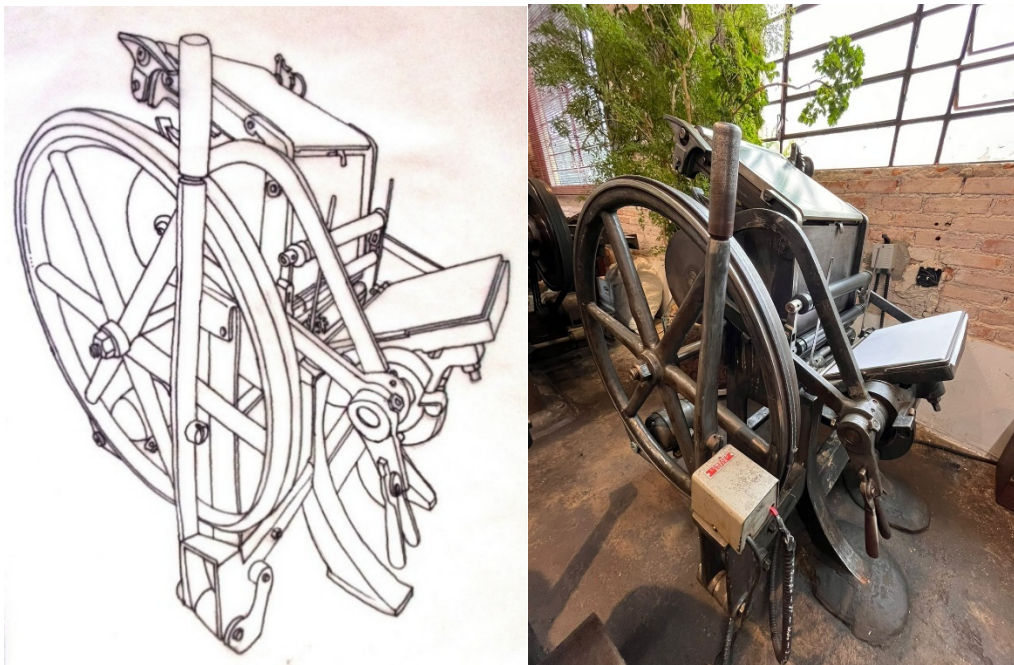


Figura 2 - Ilustração e foto do prelo tipográfico fabricado pelos irmãos Gapski

Fonte: acervo pessoal

As máquinas eram vendidas não só no mercado local como também para revendedores de material gráfico, responsáveis pela distribuição para o restante do país. Segundo relato de descendentes diretos dos fabricantes, os irmãos Gapski vendiam seus prelos para a DISTRIBUIDORA CIA T. JANER INDÚSTRIA E COMÉRCIO, bem como para a FUNTIMOD (ambas, à época com filial na cidade de Curitiba). A pesquisadora visa buscar evidência material dessa narrativa e, quiçá, localizar máquinas Gapski em outros estados da Federação.

Infelizmente os irmãos não gravavam o nome Gapski no prelo que, assim, saída da pequena tornearia sem qualquer identificação, o que dificulta o reconhecimento das máquinas Brasil afora. Além disso, era comum que a revendedora fixasse uma placa com seu nome no produto antes da venda, conforme se extrai da placa abaixo, afixada pela distribuidora T. JANER numa máquina automática Grafopress, produzida na então Checoslováquia.



Figura 3 - Máquina automática Grafopress e respectivos detalhes

Fonte: acervo pessoal

Tal situação pode induzir à equivocada conclusão de que a máquina era fabricada pelo revendedor.

No comércio local, no entanto, a história deixa rastros mais evidentes e, não raro é identificar lugares que tinham – ou que ainda têm – máquinas Gapski em seu acervo. São dignos de registro ao menos três desses casos:

Gráfica Sete Belo

Rodolfo Otto Max Stunitz, foi o primeiro funcionário da Tipografia Gapski mas, no entanto, almejava ter a sua própria gráfica. Após alguns anos de casa, adquiriu um prelo Gapski e fundou a sua própria Tipografia, chamada Sete Belo.



Figura 4 - Prelo Gapski no interior da Gráfica Sete Belo, fundada em 1962, em Curitiba/PR.

Fonte: <https://www.graficasetebelo.com.br/>

A gráfica Sete Belo tem uma trajetória de sucesso na Capital Paranaense e está em funcionamento até os dias de hoje. Entretanto, ao se modernizar e migrar para o sistema de impressão Offset e digital, infelizmente, a gráfica Sete Belo se desfez dos artefatos gráficos da época da tipografia de chumbo. Atualmente, a empresa familiar é gerida sob o comando da segunda geração que muito se orgulha da sua história, conforme se verifica da seguinte passagem extraída do seu *web site*.

“(...) Nesse período 02/01/1958 à 03/07/1961, estava trabalhando como funcionário, mas determinado a montar a sua própria empresa, foi onde iniciou a compra de material gráfico da firma Funtimod (tipos), e trabalhando na empresa Gapski que também fabricava em pequena escala a máquina de impressão com mesmo nome, guardando suas economias comprou sua primeira máquina de impressão, a partir de 04/07/1961 montou sua empresa na Rua Itiberê, 19 no bairro Pilarzinho e devido a gostar muito do jogo de escopa na época, batizou a empresa de Sete Belo (sete de ouro)...” (Gráfica Sete Belo, sem data, <https://www.graficasetebelo.com.br/a-empresa>, grifo nosso).

Infelizmente, o fundador Sr. Rodolfo Otto Max Stunitz faleceu recentemente, mas a pesquisadora teve a feliz oportunidade de conhecê-lo pessoalmente, ocasião em que pode ouvir o registro dessa história em primeira pessoa.



Figura 5 - Sr. Rodolfo Otto Max Stunitz (fundador da Tipografia Sete Belo) e a pesquisadora
Fonte: acervo pessoal

Malires Gráfica

A gráfica Malires é uma das três maiores gráficas de Curitiba e também começou a sua trajetória empresarial com um pequeno prelo manual fabricado pelos irmãos Gapski. A Malires é uma das gigantes do mercado gráfico nacional e mantém exposto no hall de entrada da recepção de seu parque gráfico um prelo Gapski inteiramente restaurado numa sensível homenagem à essa parte de sua história.



Figura 6 - Prelo Tipográfico Gapski exposto na recepção da Malires Gráfica

Fonte: acervo pessoal

Corgraf – Soluções Gráficas

Outra gigante do mercado gráfico nacional que iniciou a sua atividade com um prelo Gapski é a Corgraf, a gráfica mais premiada do estado do Paraná com inúmeros prêmios nacionais e internacionais. Em conversa com Vicente Linares, diretor da Corgraf, a pesquisadora teve conhecimento em primeira mão de que a Gráfica está passando por uma reforma na parte administrativa e que irá expor o prelo Gapski em sua recepção como parte da sua história. Segundo o citado diretor “Queremos colocar ela em um lugar especial. Porque para nós é um troféu.”



Figura 7 - Prelo Tipográfico Gapski no pátio da Corgraf aguardando o fim da reforma da parte administrativa da empresa para exposição na respectiva recepção.

Fonte: acervo pessoal

Na ponta extrema oposta, sabe-se também de inúmeros prelos que foram abandonados em garagens e gráficas desativadas, expostas à ação do tempo e da ferrugem, ou que acabaram descartadas em ferro-velho quando a tecnologia caiu em desuso.



Figura 8 - Prelo tipográfico Gapski em gráfica desativada, na cidade de Curitiba

Fonte: acervo pessoal

Os irmãos Gapski fabricaram o prelo até meados da década de 1960 quando transferiram a expertise na produção das máquinas para um senhor chamado Casagrande (conhecido como Casinha). Não se sabe a que título se deu essa transferência de conhecimento, mas sabe-se

que este senhor continuou a produzir e a vender o prelo tipográfico Gapski por mais alguns anos.

O encerramento da atividade de fabricação das máquinas coincide com o período de transição do processo de impressão da tipografia para o offset. Além disso, em 1957 os irmãos fundaram a Tipografia Gapski e migraram para o mercado de impressos. Mantiveram ambas as atividades por alguns anos até que, por questões comerciais, passaram a se dedicar exclusivamente à produção de impressos comerciais.

3 Resultados e Discussão

A história da pequena fábrica de máquinas tipográficas instalada por descendentes de imigrantes poloneses na década de 1940 na região central da cidade de Curitiba nos ajuda a entender como se desenvolveu o cenário da tipografia no estado do Paraná no século XX, e a avaliar o impacto do pequeno fabricante local no mercado gráfico nacional. A história nos ajuda, ainda, a entender detalhes sobre os modos de produção bem como a conhecer os personagens que fabricavam essas máquinas.

A intrínseca relação da tipografia nacional com imigrantes europeus

A primeira questão a se considerar é que a ascendência polonesa dos irmãos reforça a intrínseca relação de imigrantes europeus com a tipografia nacional. Pesquisas anteriores revelam que a atividade tipográfica no país foi fortemente influenciada pela cultura europeia, seja na atividade de fundição de tipos, seja na fabricação de máquinas de impressão, seja, ainda, na atividade de impressão.

No que diz respeito a atividade de fundição de tipos, evidências sugerem que as primeiras fundições de tipos comerciais a se instalar no Rio de Janeiro são possivelmente as pioneiras no país sendo que o primeiro de todos os fundidores de tipos a se estabelecer lá parece ter sido o francês Pierre Joseph Pinart, seguindo do conterrâneo Isaac Balonchard (Lima, Edna Cunha, 2009). Adicionalmente, por ser considerada a maior fundidora de tipos do Brasil é digna de registro a atividade da Fundidora de Tipos Modernos – Funtimod, cujos fundadores são de origem germânica (Aragão, 2016).

No que diz respeito à fabricação nacional de máquinas, vale mencionar a importância da FUNTIMOD para o mercado gráfico brasileiro vai além da fundição e comercialização de tipos móveis na medida em que, além da importância comercial da seção de máquinas, o sucesso da fabricação e comercialização destes equipamentos contribuiu na formação de outras empresas do ramo gráfico do país, uma vez que grande parte dos donos das empresas de máquinas gráficas paulistanas (CATU, GUARANI, MIRUNA, CONSANI) começaram trabalhando como mecânicos na FUNTIMOD. (Aragão, 2016).

Por fim, no que diz respeito à atividade de impressão, como não havia existido atividade impressora oficial antes de 1808, o Brasil não contava com quadros técnicos ligados à área de

maneira que a produção do século XIX foi quase toda comandada por imigrantes oriundos da Europa (Melo, 2011).

A história dos irmãos Gapski demonstra que, mais de um século depois do desembarque oficial no Rio de Janeiro, a atividade tipográfica continuava fortemente ligada aos imigrantes europeus. Apesar disso, não se sabe como os irmãos tiveram o ímpeto comercial de iniciar a atividade de fabricação do prelo tipográfico nem tampouco de onde veio a inspiração projetual da máquina.

A expressividade do mercado gráfico do Paraná

A segunda questão que salta aos olhos é a força da atividade tipográfica no estado do Paraná. A instalação da tipografia no Paraná ocorreu na esteira da elevação da 5.^a Comarca de São Paulo à categoria de Província do Paraná (decreto imperial nº 704, de 29 de agosto de 1853, assinado por Dom Pedro II, aprovou a criação da província do Paraná). Apesar da tardia instalação a atividade tipográfica foi fortemente impulsionada pela indústria da erva-mate que estava em pleno crescimento com a emancipação política do estado (Presas, 2007).

A erva-mate vivia momento excepcional e impôs aos industriais paranaenses grande esforço de organização para atender às exigências crescentes dos compradores estrangeiros. Em 1880 crescia a produção de erva-mate no estado e os produtos deixaram de ser embalados em surrões de couro cru e passaram a receber etiquetas. Nessa mesma época chegou à Curitiba primeira litografia do estado que possibilitou maior requinte dos rótulos (Carneiro, 1976). Sobre os avanços tecnológicos na impressão de rótulos no Paraná destaca-se a tese de Doutorado do pesquisador Alan Ricardo Witikoski sobre “Os rótulos de cachaça litográficos do Paraná: entre transições tecnológicas e permanências visuais (1930 – 1950).”

No final do século XIX a atividade alcançara tão elevada expressão no estado que já se consideraram os tipógrafos suficientemente numerosos e prestigiados para criar órgão de classe, a que deram o nome de “Agremiação Tipográfica”. À título de ilustração do estágio da arte tipográfica na capital paranaense vale destacar a composição feita pelo jovem tipógrafo Fernando Moreira para o jornal curitibano “A República”, em 1895: o fiel retrato do então presidente Prudente de Moraes em composição de tipos impresso em papel seda (Carneiro, 1976).

Em 1937 um grupo de empresários gráficos se reuniu e formalizou o então Sindicato dos Empregadores em Artes Gráficas que mais tarde passou a se chamar Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado do Paraná.

Esse breve cenário revela que a transição do século XIX para o XX foi um período de grande prosperidade para a indústria gráfica paranaense situação que naturalmente gerou demanda por produtos gráficos entre os quais, os prelos de impressão tipográfica Gapski.

O impacto da pequena empresa familiar local na indústria gráfica nacional

Por fim, mas não menos importante, a terceira questão a se considerar é o possível impacto do pequeno negócio familiar objeto da presente pesquisa no mercado gráfico local e até mesmo nacional.

Apesar de o início da indústria de máquinas e equipamentos gráficos remontar à década de 1930, foi com o fim da segunda grande guerra (1945) que o setor efetivamente cresceu com a abertura de novas empresas (ABIME & SINDMAQ-SP, 1978).

Também foi nesse período que a Funtimod experimentou a fase de maior prosperidade econômica com a criação da seção de máquinas e a abertura das filiais nas cidades de Curitiba, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre e Recife. A pesquisadora Isabela Aragão chama esse período de 2.^a fase da história da Funtimod que se inicia com a alteração da razão social de Funtymod – Fundação de Typos Modernos Ltda. para Funtimod - Fundação de Tipos Modernos S/A. e pode ser compreendida no período de 1950 – 1958. Foi nesse período que a Funtimod apresentou sua nova seção comercial com lojas de exposição e vendas de máquinas gráficas de fabricação própria e de importação dos mais renomados fabricantes estrangeiros (Aragão, 2016).

Segundo relatos transcritos na tese de doutorado da referida pesquisadora a Alemanha tinha uma quota para o Brasil de 100 máquinas Heidelberg de leque por mês e a Funtimod vendia 130, 140 máquinas no mesmo período. Em outras palavras, a oferta de máquinas importadas não supria o mercado interno brasileiro.

E é exatamente nesse período que se inicia a história aqui relatada. Segundo relatam os descendentes diretos dos fabricantes, os irmãos Gapski começaram a fabricar o prelo tipográfico Gapski no final da década de quarenta.

Além da grande procura por máquinas impressoras, acredita a pesquisadora que o prelo tipográfico Gapski teve uma boa aceitação no mercado local por ser uma máquina pequena e de fácil operação. A pesquisadora acredita, ainda, que a máquina era ofertada a preços bem mais palatáveis do que as máquinas importadas, razão pela qual possibilitou a abertura de pequenas gráficas locais entre as quais destacam-se ao menos duas grandes gráficas do mercado nacional.

4. Conclusão

Considerando que estudos em memória gráfica brasileira objetivam, em grande medida, inserir artefatos gráficos na cultura, na memória e na identidade local de um povo, conclui-se que o presente estudo tem o condão de contribuir com a campo de pesquisa na medida em que se debruça sobre a atividade de pessoas desconhecidas que, no entanto, impactaram a história do design por meio da produção artesanal de artefatos gráficos. A atividade, embora exercida de maneira absolutamente autônoma tem em sua essência o gene das atividades projetuais.

Referências

- Aragão, I. R., & Lima, E. L. C. (2009). Um estudo comparativo entre a Fundição de Tipos Henrique Rosa e a Funtimod. *InfoDesign: Revista Brasileira de Design da Informação*, 16(3), 432–433.
- Aragão, I. R. (2016). *Tipos móveis de metal da Funtimod: Contribuições para a história tipográfica brasileira* [Tese de doutorado, FAU-SUP – Design e Arquitetura].
- Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (ABIME), & Sindicato da Indústria de Máquinas do Estado de São Paulo (SINDMAQ-SP). (1978). *Máquinas e equipamentos gráficos brasileiros*.
- Carneiro, N. (1976). *As artes gráficas em Curitiba*. Fundação Cultural.
- Farias, P., & Braga, M. da C. (Orgs.). (2018). *Dez ensaios sobre memória gráfica*. Blucher.
- Lima, E. L. C. (2009). Pinart e Balonchard, fundidores de tipo no Rio de Janeiro oitocentista. *InfoDesign: Revista Brasileira de Design da Informação*, 6(2), 1–6.
- Melo, C. H. de, & Ramos, E. (2011). *Linha do tempo do design gráfico no Brasil*. Cosac Naify.
- Presas, G. F., & Presas, J. F. (2007). *Memórias & histórias da indústria gráfica do Paraná*. Sindicato das Indústrias Gráficas do Estado do Paraná.

Sobre o(a/s) autor(a/es)

Raquel Gapski, mestrandia, UFPR, Brasil <gapskiraquel@gmail.com>

Rafael de Castro Andrade, Dr., UP/UFPR, Brasil <ancara@gmail.com>

Lindsay Jemima Cresto, Dra., UTFPR, Brasil <lindsay.jemima@gmail.com>